

Economia - Brasil

REUNIÃO DE DUBAI

# Palocci: política fiscal muda, mas rigor continua

Mudança prevista para 2005 tanto pode elevar quanto reduzir superávit fiscal, diz ministro

FERNANDO DANTAS  
Enviado especial

DUBAI – O ministro da Fazenda, Antônio Palocci, deixou claro ontem que a política fiscal contracíclica, que está prevista para entrar em vigor no Brasil em 2005, não significa relaxamento fiscal. Ele explicou que o dispositivo pode tanto significar um aumento do superávit primário quanto uma redução. Palocci torce para a primeira hipótese, por uma razão simples: com a política contracíclica, o superávit aumenta quando a economia está em forte crescimento, e se reduz quando ela entra em crises.

A questão foi abordada ontem, em Dubai, tanto pelo ministro como pelo diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Horst Köhler. A política fiscal anticíclica determina superávits maiores quando o país está crescendo, para que, em momentos de crise econômica, possam ser usados para estimular a atividade e aumentar a proteção social.

“O Brasil precisa construir dispositivos anticíclicos, porque normalmente os países emergentes têm tido uma história de ajustes fiscais que, nas crises, impõem à sociedade mais restrições, enquanto no período de crescimento se



Wolfensohn, do Banco Mundial: governo Lula ‘é o experimento mais importante da América Latina’



POSIÇÃO DO  
FUNDO NÃO  
IMPORTA, DIZ  
MINISTRO

gasta os recursos”, disse Palocci.

Em entrevista anterior, Köhler mostrou não achar boa idéia a política fiscal contracíclica no Brasil, já que o principal objetivo do País deveria ser a conquista de credibilidade. Para o diretor-gerente, aquele mecanismo pode trazer confusão na tarefa do governo de mostrar que cumpre suas metas. Segundo Palocci, a posição do FMI sobre o tema não importa, porque, se o País fechar um novo acordo com o Fundo, só o fará por mais um ano. E a política fiscal contracíclica não entrará

em vigor antes de 2005.

‘Olhos do mundo’ – O presidente do Banco Mundial, John Wolfensohn, disse ontem que o governo Lula “é o experimento mais importante que está acontecendo na América Latina”. Em entrevista à imprensa, ele elogiou a proposta do presidente Luiz Inácio Lula da Silva de unir a estabilidade macroeconômica ao combate à desigualdade social. “E ele não fez isso por um caminho revolucionário, mas com uma eleição na qual obteve bem mais do que 50% dos votos”, disse Wolfensohn. Segundo ele, “o que o presidente Lula e sua equipe estão fazendo é extraordinariamente importante”. “Por isso, eu acho que os olhos do mundo estão no Brasil.” O presidente do Banco Mundial disse que tem “grande confiança” na estratégia do governo brasileiro. (Colaborou J.C.)

AGENDA

Hoje

- ▶ Encontro e entrevista à imprensa do G-24, grupo dos países em desenvolvimento
- ▶ Entrevista com o diretor do Departamento do Hemisfério Ocidental (Américas) do FMI, Anoop Singh
- ▶ Início do programa oficial de seminários